

TESTO JUNKIE

TESTO JUNKIE

Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica

Paul B. Preciado

© n-1 edições, 2018

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart

e Ricardo Muniz Fernandes

ASSISTENTE EDITORIAL Inês Mendonça

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

TRADUÇÃO Maria Paula Gurgel Ribeiro

Com a contribuição de Verônica Daminelli Fernandes

PREPARAÇÃO Tadeu Breda e Fernanda Mello

REVISÃO Ana Godoy e Renata Monken

A reprodução parcial sem fins lucrativos deste livro, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

Paul B. Preciado

TESTO JUNKIE

Sexo, drogas e biopolítica na
era farmacopornográfica

N-1
edições

*A nossos mortos: A., T., E., J., K., S., T.,
A William
A Virginie, Pepa e Swann*

- 13** **INTRODUÇÃO**
- 17** **1. SUA MORTE**
Videopenetração
- 25** **2. A ERA FARMACOPORNOGRÁFICA**
Cooperação masturbatória / *Potentia gaudendi*
/ Excitar e controlar
- 59** **3. TESTOGEL**
Pico / Encontro com T.
- 75** **4. HISTÓRIA DA TECNOSSEXUALIDADE**
- 91** **5. O CORPO DE V. D. COMEÇA A FAZER
PARTE DO CONTEXTO EXPERIMENTAL**
Primeiro contrato sexual / Fêmeas alfa /
Vício
- 109** **6. TECNOGÊNERO**
O crepúsculo da heterossexualidade
- 141** **7. DEVIR T.**
Estado-sofá-corpo-molécula / Devir molecular
/ O diabo em forma de gel

157

8. FARMACOPODER

Feitiçaria narcossexual / Ficções somáticas:
a invenção dos hormônios sexuais /
Controle pop: modos de subjetivação
farmacopornográfica / O panóptico ingerível
/ Embalando arquitetura disciplinar: a
embalagem *dialpak* e a invenção do panóptico
ingerível / Controle microprotético /
O hormônio inimigo: testosterona e terrorismo
de gênero / O futuro super-homem T. /
A pílula e o feminismo de Estado / Testo-tráfico

253

9. TESTOMANIA

Seu esperma e meus óvulos / Últimas brigas
/ Perdas / Frustração viciante / Testomania
/ Trans ou *junkie* / *Voucher* / *Baby carcass* /
Sarah

281

10. PORNOPODER

O imperativo pornográfico: Fode-te a ti mesmo
/ Pornificação do trabalho / *Sex copyright*:
tecnossignificantes lascivos / Paris Hilton
na cama com Max Weber / Sexódromos
urbanos / O trabalhador farmacopornográfico
/ Trabalho *übermaterial* / Divisão pornográfica
do trabalho / O que explode rapidamente,
extingue-se logo / Orifícios penetráveis e
extremidades penetrantes / *General sex* /
Devir ciborgue do trabalhador do sexo

- 335** **11. JIMI E EU**
Virginologia / Sobre a perfeição *queer* e sobre como V. D. faz tudo da melhor maneira possível / Políticas do cuidado / A estrela da sorte protética / Que se foda Beauvoir
- 351** **12. MICROPOLÍTICAS DE GÊNERO NA ERA FARMACOPORNOGRÁFICA: EXPERIMENTAÇÃO, INTOXICAÇÃO VOLUNTÁRIA, MUTAÇÃO**
Micropolíticas pós-*queer* / Política *snuff* / O princípio da autocobaia / Narcoanálise: as origens psicotrópicas da crítica em Freud e Benjamin / O dispositivo *drag king* / Bioterrorismo de gênero / *Hackers* de gênero e sexuais
- 417** **13. A VIDA ETERNA**
Braço peludo / 27 centímetros / Tamanhos / *Sex pictures* / Mortes muito vergonhosas para compartilhar / Gênio farmacopornográfico / Pico canino / Chapado de T. / Filosofia da decapitação / Vida eterna
- 445** **AGRADECIMENTOS**

*Vivo em um mundo onde muitas coisas
que pensava impossíveis são possíveis.*

GUILLAUME DUSTAN, 1996

*E vós, que muitos beijos (aos milhares!)
já lestes, me julgais não ser viril?
Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos.*

CATULO

INTRODUÇÃO

Este livro não é uma autobiografia, mas um protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona a respeito do corpo e dos afetos de B. P. Um ensaio corporal. Uma ficção, na verdade. Se for preciso levar as coisas ao extremo, é uma ficção autopolítica ou uma autoteoria. Durante a escrita deste ensaio, ocorreram duas transformações externas no contexto do corpo experimental cujo impacto não pôde ser calculado e não pode ser considerado como parte deste estudo, no entanto, essas transformações criaram limites em torno dos quais se adere a escrita. Primeiro, a morte de G. D., a destilação humana de uma época que se esvai, ícone e derradeiro representante francês de uma forma de insurreição sexual por meio da escrita; quase que simultaneamente, o tropismo do corpo de B. P. para o corpo de V. D., uma oportunidade de perfeição — e de ruína. Registram-se, aqui, tanto as micromutações fisiológicas e políticas provocadas pela testosterona no corpo de B. P. quanto as modificações teóricas suscitadas nesse corpo pela perda, pelo desejo, pela exaltação, pelo fracasso ou pela renúncia. Meus sentimentos, pelo fato de serem exclusivamente meus, não me interessam: pertencem a mim e a mais ninguém. Não me interessa sua dimensão individual, mas sim como são atravessados pelo que não é meu. Ou seja, por aquilo que emana da história de nosso planeta, da evolução das espécies, dos fluxos econômicos, dos resíduos das inovações tecnológicas, da preparação para as guerras, do tráfico de escravos e de mercadorias, da criação de hierarquias, das instituições penitenciárias e de repressão, das redes de comunicação e vigilância, da

sobreposição aleatória de técnicas e de grupos de pesquisa de mercado e de blocos de opinião, da transformação bioquímica da sensibilidade, da produção e distribuição de imagens pornográficas.

Para alguns, este texto poderá representar um manual de bioterrorismo de gênero em escala molecular. Para outros, será apenas um ponto em uma cartografia da extinção. Neste texto, o leitor não chegará a uma conclusão definitiva sobre a verdade do meu sexo ou a profecias sobre o mundo que virá. Apresento estas páginas — que relatam o cruzamento de teorias, moléculas e afetos — para deixar uma marca de um experimento político que durou 236 dias e noites, e que hoje continua sob outras formas. Se o leitor percebe no presente texto uma série de reflexões filosóficas, relatos de aplicações de hormônios e detalhamentos de práticas sexuais, sem as devidas soluções que a continuidade fornece, é simplesmente porque é deste modo que se constrói e se desconstrói a subjetividade.

Pergunta: Se o senhor pudesse
ver um documentário sobre um filósofo,
sobre Heidegger, Kant ou Hegel,
o que gostaria de ver nele?

Resposta de Jacques Derrida:
Que falem de sua vida sexual.
Você queria uma resposta rápida, não?
A vida sexual deles.¹

¹ Jacques Derrida, in *Derrida*, filme dirigido por Kirby Dick e Amy Ziering Kofman. Nova York: Zeitgeist Video, 2003, DVD.

1. SUA MORTE

No dia 5 de outubro, Tim me anuncia sua morte chorando. Tim gosta de você, embora você nem o tenha tratado com generosidade em seus últimos livros. Ele me diz: “É o William”. Chora e repete: “É o William, é o William. Encontraram-no morto em seu novo apartamento de Paris. Não se sabe. Foi há dois dias, no dia 3. Não se sabe”.

Até agora ninguém sabia de sua morte. Você apodreceu dois dias na mesma posição em que caiu morto. Melhor assim. Ninguém veio lhe incomodar. Eles o deixaram sozinho com o seu corpo por tempo suficiente para abandonar toda esta miséria com calma. Choro com Tim. Não pode ser. Desligo o telefone e a primeira coisa que faço é ligar para V. D. Não sei por quê. Nós nos vimos duas vezes. Uma a sós. É você que me impele a discar o número dela. Você escuta nossa conversa. Seu espírito se espalha, formando uma névoa eletromagnética pela qual correm nossas palavras. Seu fantasma é um cabo que transmite nossas vozes. Enquanto falamos da sua morte, a voz dela desperta a vida que há em mim. “O mais forte é sua voz, eu acho”,¹ você dizia. Não me atrevo a chorar enquanto falo com ela. Desligo e então choro, porque você não quis continuar vivendo e porque, como dizia seu padraсто, “um poeta morto não escreve mais”.²

Nesse mesmo dia, umas horas mais tarde, aplico na pele uma dose de 50mg de Testogel para começar a escrever este livro. Não é a primeira vez. Essa é minha dose regular.

1 Guillaume Dustan, *Nicolas Pages*. Paris: Balland, 1999, p. 17.

2 Michel Houellebecq, *Rester vivant et autres texts*. Paris: Librio, 1997, p. 19.

As cadeias de carbono O-H3 C-H3 C-OH penetram gradualmente a epiderme até as camadas internas, até os vasos sanguíneos, as glândulas, as terminações nervosas. Não tomo testosterona para me transformar em um homem, nem sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim, para escrever, para trepar, para sentir uma forma pós-pornográfica de prazer, acrescentar uma prótese molecular à minha identidade transgênero *low-tech* feita de dildos, textos e imagens em movimento, para vingar sua morte.

VIDEOPENETRAÇÃO

*Prefiro ficar cego a te ver partir*³

ETTA JAMES

20h35. Seu espírito entra pela janela e obscurece o quarto. Acendo todas as luzes. Coloco uma fita virgem na câmera de vídeo e a posiciono sobre o tripé. Acerto o enquadramento. A imagem é lisa, o quadro simétrico, o sofá de couro preto desenha uma linha horizontal na parte baixa da cena. A parede branca avança ligeiramente sobre essa linha, mas sem criar relevo. REC. Dirijo-me ao sofá. A câmera não capta o que deixei em uma mesa baixa: uma máquina de cortar cabelo, um espelhinho, uma folha branca, um saco plástico, uma cola hipoalergênica para uso facial, uma dose de 50mg de testosterona em gel, um lubrificante, um gel de dilatador anal, uma cinta peniana com um dildo realista de borracha de 24x6cm, um dildo realista preto de borracha de 25x6cm, outro dildo ergonômico preto de

³ Etta James, 1967.

silicone de 14x2cm, um barbeador e um creme de barbear, uma bacia plástica com água, uma toalha branca e um livro seu, seu primeiro livro, o sublime, o princípio e o fim de tudo. Entro no quadro. Eu me dispo, mas não completamente. Uso só uma regata preta. Como em uma cirurgia, exponho apenas os órgãos que serão afetados pelo instrumento. Puxo o espelho com o pé e o coloco sobre a mesa. Ligo a máquina de cortar cabelo. Ouço o barulho agudo, estridente — uma voz de criança cibernética que quer escapar do motor cospe na cara do passado. Ajusto as lâminas para que possam cortar a um centímetro. Seu espírito me dá um discreto sinal de aprovação. Sento no sofá, olho como metade da minha cara entra no espelho: tenho o cabelo curto e escuro, as lentes de contato desenhavam uma fina auréola em volta da íris, minha pele é irregular, às vezes muito branca, às vezes salpicada de brilhos rosados. O espelho recorta um pedaço do meu rosto, impassível, sem centro. Fui definida como mulher, mas esse fato não pode ser percebido na imagem parcial do espelho. Começo a raspar a cabeça, da frente para trás, do centro para a esquerda, depois para a direita. Inclino-me sobre a mesa que recolhe o cabelo enquanto cai. Abro o saco plástico junto à mesa e faço com que o cabelo cortado deslize para dentro. Desligo a máquina e volto a regular as lâminas, desta vez no zero. Coloco uma folha branca sobre a mesa. Volto a ligar a máquina e a passo de novo por toda a cabeça. Sobre o papel cai uma chuva de cabelos curtos muito finos. Quando a cabeça fica lisa, desligo a máquina. Dobro a folha em duas para que os cabelos se precipitem para o centro, formando uma linha uniforme. Uma linha de cocaína preta. Faço uma linha de cabelo. É quase a mesma onda. Abro a cola e desenho, com o pincel úmido, um traço sobre meu lábio superior. Pego um

fio de cabelo entre os dedos e o sobreponho ao traço até que fique perfeitamente colado na minha cara. Bigode de bicha. Eu me olho no espelho. Meu olho de sempre, com a mesma auréola em volta da íris, agora está emoldurado por um bigode. O mesmo rosto, a mesma pele. Idêntico e irreconhecível. Olho para a câmera, levanto o lábio deixando os dentes à mostra, como você fazia. Este é seu gesto.

O envelope prateado que contém a dose de 50mg de testosterona em gel é do tamanho de um desses envelopinhos compridos de açúcar que lhe dão nos cafés. Rasgo o papel-alumínio: emerge um gel fino, transparente e frio que, ao tocar a pele do meu ombro esquerdo, desaparece imediatamente. Fica um vapor fresco sobre a pele, como a lembrança de um hálito glacial, o beijo de uma dama de gelo no ombro.

Agito o creme de barbear, deixo crescer uma bola de espuma branca sobre a mão esquerda e com ela cubro todos os pelos da pelve, os lábios da vulva, a pele em torno do ânus. Molho a lâmina do barbeador e começo a me raspar. Pelos e creme flutuam sobre a água. Algumas porções caem no sofá ou no chão. Desta vez não me corto. Quando toda a pele entre as minhas pernas está raspada, eu me enxáguo e me seco. Coloco a cinta, prendendo as fivelas nas laterais dos quadris. O dildo fica superereto na minha frente, formando um ângulo de noventa graus perfeito com a linha desenhada pela coluna vertebral. A cinta peniana está suficientemente alta para, se eu me inclinar, deixar à mostra dois orifícios bem diferentes. Cubro as mãos com lubrificante transparente e seguro um dildo em cada mão. Esfrego-os, lubrifico-os, aqueço-os, um em cada mão, e depois um contra o outro, dois paus gigantes que se enrolam um sobre o outro como em um filme pornô gay. Sei que a câmera continua filmando porque vejo a luz

vermelha piscando. Suspendo meu pau de plástico sobre os parágrafos tatuados para sempre nas páginas de *Dans ma chambre*.⁴ Este gesto é seu. O dildo esconde uma parte da página criando um limite que permite ler certas palavras e que esconde outras: “Nós rimos. Você foi comigo no carro. Olhei para você... Você me fez um sinal com a mão... havia anoitecido. Sei que deveria ter... nunca me apaixonei por ele. Mas era tão bom que me amasse. Era bom”.⁵

Então, enfio cada um dos dildos nas aberturas da parte inferior do meu corpo. Primeiro o preto realista, depois o ergonômico no ânus. Para mim, é sempre mais fácil enfiar qualquer coisa no ânus, um espaço multidimensional, sem limites ósseos. Desta vez não é diferente. Estou de costas para a câmera, com os joelhos, as pontas dos pés e a cabeça apoiados no chão, os braços esticados sobre as costas segurando os dildos em meus orifícios.

Você é o único que poderia ler este livro. Diante desta câmera mais do que visível, “sinto pela primeira vez a tentação de fazer um autorretrato meu para você”.⁶ Desenhar uma imagem de mim mesmo como se fosse você. *Drag you*. Travestir-me em você. Fazer você voltar à vida por meio dessa imagem.

Agora já estão todos mortos: Amelia, Hervé, Michel, Karen, Jackie, Téo e Você. Pertencço mais ao mundo de vocês do que ao dos vivos? Por acaso minha política não

4 *In my room*, primeira novela do escritor francês gay Guillaume Dustan.

5 “On a ri. Il m’a raccompagné en voiture. Je l’ai regardé. Il m’a fait un signe de la main avant/la nuit était tombée. Je sais que j’aurais dû / je ne serais jamais amoureux de lui. Mais c’était tellement bon qu’il m’aime. C’était bon.” Guillaume Dustan, *Dans ma chambre*. Paris: POL, 1996, p. 155.

6 “J’ai pour la première fois la tentation d’un autoportrait pour toi.” Hervé Guibert, *L’image fantôme*. Paris: Minuit, 1981, p. 5.

é a de vocês, minha casa não é a de vocês, meu corpo não é o de vocês? Reencarnados em mim, tomem meu corpo como os extraterrestres tomavam os norte-americanos para transformá-los em trastes viventes. Reencarna em mim, possui minha língua, meus braços, meus sexos, meus dildos, meu sangue, minhas moléculas, possui minha garota, minha cadela, habita-me, vive em mim. Vem. Vem. Por favor, não vá embora. Volte à vida. Segure-se em meu sexo. Baixo, sujo. Fique comigo.

Este livro não tem razão de ser fora da margem de incerteza entre mim e meus sexos, todos imaginários, entre três línguas que não me pertencem, entre você-vivo e você-morto, entre o meu desejo de carregar sua estirpe e a impossibilidade de ressuscitar seu esperma, entre seus livros eternos e silenciosos e o fluxo de palavras que se amontoam para sair através dos meus dedos, entre a testosterona e o meu corpo, entre V. e o meu amor por V.

De novo diante da câmera: “Esta testosterona é para você, este prazer é para você”.

Não assisto ao que acabo de filmar na mini-DV. Nem sequer a digitalizo. Guardo-a na caixa vermelha transparente e escrevo na etiqueta: “3 de outubro, 2006. DIA DA SUA MORTE”.

Os dias que antecedem e sucedem a sua morte estão marcados pelos meus rituais de aplicação de testosterona. O protocolo é doméstico; mais ainda, seria secreto, privado, a não ser pelo fato de que cada uma dessas aplicações são filmadas e enviadas, de forma anônima, a uma página da internet em que centenas de corpos transgêneros, corpos em mutação de todo o planeta, trocam técnicas e saberes. Nessa rede audiovisual, meu rosto é indiferente, meu nome, insignificante. Apenas a estrita

relação entre meu corpo e a substância é objeto de culto e vigilância. Espalho o gel sobre os ombros. Primeiro instante: sensação de um toque sobre a pele. Esta sensação se transforma em frio e depois desaparece. Então, nada acontece durante um ou dois dias. Nada. À espera. Depois se instala aos poucos uma lucidez extraordinária da mente, acompanhada de uma explosão de vontade de trepar, caminhar, sair, atravessar a cidade inteira. Este é o ponto culminante em que se manifesta a força espiritual da testosterona misturada ao meu sangue. Todas as sensações desagradáveis desvanecem. Diferentemente do *speed*, o movimento interior não é agitação nem ruído, mas o sentimento de estar em adequação ao ritmo da cidade. Diferentemente da cocaína, não há distorção da percepção de si, nem logorreia, nem sentimento de superioridade. Só uma impressão de força que reflete a capacidade expandida dos meus músculos, do meu cérebro. Meu corpo está em si. Diferentemente do *speed* e da coca, não há queda imediata. Depois de alguns dias, o movimento interior se acalma, mas a sensação de força, como uma pirâmide desvelada por uma tempestade de areia, permanece.

Como explicar o que me acontece? O que fazer com meu desejo de transformação? O que fazer com todos os anos em que me defini como feminista? Que tipo de feminista serei agora: uma feminista viciada em testosterona, ou melhor, um transgênero viciado em feminismo? Não me resta alternativa além de rever meus clássicos, submeter as teorias ao sobressalto provocado pela prática de tomar testosterona. Aceitar que a mudança que acontece em mim é a mutação de uma época.

